

COMUNICAÇÃO E INCERTEZA NO AMBIENTE FAMILIAR EM SITUAÇÕES DE CRISE¹

Carolina Elena Pradela

Formada em Psicologia e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

E-mail: psicarolinaelena.pradela@gmail.com

¹ Trabalho originalmente apresentado como requisito parcial para avaliação da disciplina “Comunicação Interdisciplinaridade e Transformações Sociais”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), ministrada pela Profa. Dra. Cilene Victor no segundo semestre letivo do ano de 2024.

RESUMO

O artigo estuda o tema da comunicação e da incerteza no ambiente familiar em situações de crise. No âmbito da educação dentro da família, como propõe Carl Gustav Jung, pais e filhos encontram-se inseridos em um contexto psíquico que se pode chamar de “participação mística” (Lévy-Bruhl), tendo a criança uma psique em enorme medida dependente dos pais/cuidadores, sobretudo nos primeiros anos de vida. Assim, quando há conflitos internos não resolvidos pelos genitores, os filhos podem sofrer adoecimento psíquico, porque eles vivenciam as apreensões dos pais como se fossem deles próprios. Mesmo não havendo um diálogo direto sobre as perturbações familiares, a criança, de maneira inconsciente, absorve essa comunicação. O objetivo deste artigo é apresentar para a comunidade a importância da comunicação familiar, em especial entre pais e filhos, em um mundo que vivencia crises e incertezas. As principais referências bibliográficas são Carl Gustav Jung (sobretudo o volume 17 de sua Obra Completa: O desenvolvimento da personalidade), para abordar a Psicologia Analítica, e, para o campo da comunicação social, Edgar Morin, Zygmunt Bauman e Carlo Bordoni. A metodologia é de caráter bibliográfico-exploratório. O artigo pode provocar impactos sociais importantes, tanto na área da comunicação quanto de psicologia e educação, por se tratar de um tema sensível e sempre atual, qual seja o da formação das futuras gerações.

Palavras-chave: Comunicação. Incerteza. Família. Crise. Psique.

O propósito deste estudo é tratar do tema da comunicação e da incerteza no âmbito familiar em situações de crise. Carl Gustav Jung, o pai da Psicologia Analítica, a partir de Lévy-Bruhl, denominou a vivência entre pais e filhos, sobretudo durante os primeiros anos de vida da criança, como “participação mística” (*participation mystique*). Pais e filhos encontram-se imersos nessa condição, sendo que a criança, como se pode dizer, é totalmente dependente da psique de seus genitores – ou cuidadores –, e os temores não resolvidos pelos pais, a partir dessa participação, acabam sendo transmitidos aos filhos, ainda que pela via de uma comunicação inconsciente. Em consequência, o filho acaba afligindo-se com um conflito que não lhe pertence.

Referindo-se ao tema da crise, Zygmunt Bauman e Carlo Bordoni (2016) relatam que esta, ao contrário do que diz em geral o senso comum, pode também se manifestar como algo positivo, criativo e otimista, uma vez que envolve novas mudanças e predispõe a pessoa para ajustes, não configurando propriamente uma completa angústia, como poderia parecer. Edgar Morin (2000), por seu lado, em *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, fala sobre a importância da aceitabilidade da incerteza. Segundo Morin, vivemos em um mundo de imprevisibilidade e contradições de todo tipo, com as quais é preciso saber lidar. A incerteza é justamente um desses sete saberes.

Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla que está sendo desenvolvida no interior do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Unesp), com o título de “A comunicação entre pais e filhos por meio do inconsciente”. A pesquisa é de relevância para sociedade, tendo como um de seus objetivos proporcionar às pessoas maior conhecimento e compreensão sobre o assunto, para saberem como agir melhor frente a ele.

Nos séculos anteriores, diante do tema da incerteza, sempre se costumou pensar que o futuro seria necessariamente repleto de certezas, ou seja, um tempo no qual a certeza seria algo recorrente ou contínuo.

Já no século XX descobriu-se que não é assim que as coisas acontecem. Estamos diante de um futuro largamente imprevisível, sujeitos a todo tipo de inseguranças e a mudanças constantes em nossas vidas. Essas mudanças, por sua vez, geram novas incertezas, externa e internamente, de tipo social, econômico e, especialmente, de natureza emocional.

Nos dias de hoje, ao falarmos de crise, independentemente da forma como ela se manifeste, somos automaticamente conduzidos a um sentimento de incerteza, que nos faz refletir sobre qual o melhor caminho a eleger para fugir da situação, quais escolhas devem ser feitas ou qual a decisão correta a ser tomada em determinados momentos. Trata-se em geral de fatores que abarcam de modo muito impactante o ambiente familiar e que se tornam especialmente relevantes quando o assunto é a comunicação nesse contexto.

Este artigo está estruturado em três partes. A primeira aborda o tema da comunicação no ambiente familiar entre pais e filhos – sempre lembrando que, ao se falar dos pais, precisamos ter muito presentes as novas configurações assumidas pelas famílias na contemporaneidade. No período da infância, as crianças estão desenvolvendo sua personalidade, começando por estruturar sua consciência, e, como dito antes, elas são completamente dependentes, emocional e fisicamente, de quem delas cuida no ambiente familiar.

A segunda parte do artigo se ocupa com a incerteza em contextos de crise, sendo ambas vivenciadas diariamente pela humanidade em situações de probabilidades e improbabilidades, avanços e recuos, insegurança quanto ao futuro do planeta etc. Essa situação atinge também as famílias, que passam por inúmeros questionamentos externos e internos.

A terceira e última parte fala da relação da família com os temas da incerteza e da crise, em que são gerados resultados que podem ser tanto positivos quanto negativos, como também tensões e reflexões subjetivas e individuais em cada participante dessa relação familiar, particularmente no campo da comunicação entre pais e filhos.

Comunicação entre pais e filhos no ambiente familiar

A comunicação entre pais e filhos, em grande parte – e tanto maior quanto menor for a criança –, é um processo de transmissão basicamente inconsciente, que acontece na atmosfera familiar e desempenha um papel importante no desenvolvimento da mente infantil. Para Jung (2013), como apontado, pais e filhos estão inseridos num ambiente de “participação mística” (*participation mystique*). Essa condição faz com que a criança sinta e vivencie os conflitos dos pais sem necessidade de haver uma comunicação direta e explícita de tudo o que acontece nesse ambiente. Trata-se, como dissemos, de uma comunicação que ocorre por meio do inconsciente, fugindo por completo ao controle da consciência humana. Por meio dela podem ser transmitidas tanto ocorrências negativas quanto positivas.

A participação mística está relacionada a uma identidade inconsciente da criança na relação com os pais. Nos primeiros anos de vida, os pequenos não possuem uma consciência formada e precisam dessa conexão para se desenvolver, pois são dependentes e influenciados em seu desenvolvimento pela comunicação inconsciente com seus responsáveis (Jung, 2013). Isso ocorre pelo fato de que o filho, no período infantil, possui uma psique profundamente influenciável, dependente e primitiva, que se movimenta no espaço psíquico dos pais, encontrando-se a criança pequena na primeira fase do processo de desenvolvimento de sua personalidade (Jung, 2013).

Em consequência, é natural e comum que certos comportamentos da criança imitem ou reajam de alguma forma ao comportamento dos pais, já que ela ainda não possui uma personalidade amadurecida. Nessa fase da vida, os primeiros passos do comportamento infantil em busca do próprio caminho, tanto interno quanto externo, estão estreitamente ligados àquilo que realizam ou deixam de realizar os seus cuidadores, ou seja, as figuras parentais, aqueles que os guiam na primeira infância (Jung, 2013).

Jung, ao falar da criança, faz questão de se referir primeiro à autoeducação do adulto e à comunicação desse adulto consigo mesmo, isto

é, ao seu caminho de autoconhecimento e de realização dos seus propósitos de vida. Se isso ocorre de forma saudável, é possível pensar que os adultos podem ampliar sua consciência sem que haja necessariamente projeções de tipo inconsciente de seus comportamentos e atitudes sobre seus filhos.

Com a ausência dessa comunicação de tipo desejável, ou saudável, as dificuldades parentais e a falta de aceitação de seus próprios problemas são levadas para o inconsciente, repercutindo profundamente na saúde psíquica dos filhos. A autoeducação do adulto permite um outro olhar sobre o processo de comunicação que se estabelece entre ele e a criança, podendo ser evitado que esse adulto tente corrigir na criança os defeitos que não foram corrigidos em si mesmo.

A única coisa que pode preservar a criança desses danos desnaturais é a atitude sincera dos pais diante dos problemas da vida. Eles devem esforçar-se com toda a sinceridade no sentido de aceitar esses problemas como tarefa a cumprir, procurando iluminá-los com todo cuidado justamente nos recantos mais escuros. O erro dos pais estaria em fugir das dificuldades da vida por meio de manobras enganadoras e por tentativas artificiais de levar tudo para o inconsciente (Jung, OC 17, § 154).

Os cuidadores precisam ser sinceros consigo mesmos frente a seus conflitos psíquicos internos, pois eles são os maiores responsáveis pelo desenvolvimento da personalidade de seus filhos. A comunicação inconsciente entre pais e filhos, que nunca será perfeita, possui sempre um caráter dual, ou seja, pode ser boa ou má, positiva ou negativa. Como mencionado, não se trata de uma comunicação pautada no controle por parte da consciência. Inclusive, quando se fala de projeção, como ensina Jung, estamos nos referindo a conteúdos e ações de tipo inconsciente.

O cuidado com a parte emocional, com a ampliação da consciência e a busca de um sentido de vida pelos cuidadores se torna primordial, para que esses conteúdos não sejam levados para o inconsciente dos

próprios cuidadores de forma negativa, sendo reprimidos ou recalcados, terminando por prejudicar o desenvolvimento da psique infantil. Esta carece do bem estar dos pais (Jung, 2013).

De acordo com Jung (2013), é muito perigoso ignorarmos o fato de termos um inconsciente, ou, pior, de certo modo evitar, reprimir ou de alguma forma omitir certos conteúdos, sem prestar a devida atenção e cuidados a esse lado tão importante da atividade psíquica. Trata-se, como diria Jung, de cuidar atentamente da própria alma. Fugindo ao mundo do inconsciente, estaríamos colocando de lado a nossa própria natureza com atitudes que podem resultar em causas desastrosas, uma vez que a vida inconsciente é essencial para a compreensão da psicologia humana em seu sentido mais amplo.

Assim, todas as necessidades físicas e psíquicas, todo o carinho, afeto e atenção necessários para o desenvolvimento infantil são totalmente pertinentes e se deixam envolver pela atmosfera psíquica dos genitores. “O inconsciente é como a terra do jardim, da qual brota a consciência”, diz Jung (OC 17, § 102). A criança, de fato, não possui ainda uma consciência, porque esta se encontra em um estado primitivo. Sendo assim, como já repetido mais de uma vez, é essencial o papel de seus cuidadores, para que a mesma possa se desenvolver de forma saudável e plena.

Jung (2013) enfatiza que não seria uma surpresa se a maioria das doenças encontradas na infância tivessem origem em algo perturbado no âmbito psíquico dos pais. À vista disso, para que a criança cresça com um desempenho satisfatório e uma vida adulta plena, é importante que os pais se preocupem com os cuidados de qualidade, tanto emocional como física, durante a gestação, infância e também adolescência dos filhos. E uma boa maneira de buscar essa condição é que os pais cuidem em primeiro lugar de si mesmos.

Como exemplo, pode-se imaginar um espelho. Nele, a criança se espelha em seus pais da forma mais profunda e inconsciente. Nesse sentido, o que verdadeiramente importa é a atitude e a vida real dos pais, e não as

falas bonitas e os comportamentos que camuflam a realidade psíquica dos cuidadores. A participação mística vai além daquilo que é apenas aparência. Ela se manifesta de uma forma muito profunda e verdadeira (Jung, 2013).

Não faltam pesquisas que comprovem a importância da educação e das prevenções necessárias na gestação e nos primeiros anos de vida da criança. Isso ilustra o quanto esses comportamentos e atitudes dos pais são imprescindíveis para o desempenho escolar e social da criança, e para um crescimento saudável em direção à vida adulta (Antonioli, 2019).

Quando as crianças por alguma razão se encontram em trabalho terapêutico, os conteúdos apresentados são em grande parte expressão dos conflitos dos pais, que acabam levando a criança para um âmbito que não lhe pertence (Gomes, 2021). De maneira inconsciente, o pequeno passa a sentir de forma profunda tudo que está acontecendo na atmosfera familiar. Assim, na terapia, é indispensável o acompanhamento em conjunto com os cuidadores, para que os mesmos possam ter consciência de tudo o que está acontecendo. Dessa forma, podem exercer o seu papel de cuidado com a psique de seus filhos, para que não ocorram problemas futuros, além de também avaliarem a necessidade de realizarem a própria análise pessoal.

A chegada de uma criança no meio familiar traz muitas mudanças na vida dos pais. São transformações em um mundo desconhecido para todos os envolvidos, são sentimentos ambíguos e também contradições. É necessário determinação para encarar o novo e abraçar novas possibilidades, novas formas de compreender e de se comunicar. A família sofre junto e realiza os cuidados também conjuntamente, em momentos que são essenciais para a vivência positiva da participação mística (Court, 2023).

Ao mesmo tempo, trata-se de um processo complexo e cheio de obstáculos, ao longo do qual os pais passam por angústias, medos e confrontos com os mais intensos valores. Nesse trajeto, os genitores também entram em contato com suas sombras, ou seja, com aqueles

conteúdos reprimidos e não compreendidos pela consciência, que precisam ser ampliados e elaborados, já que, como vimos, esses conteúdos também exercem uma influência direta no desenvolvimento dos filhos.

Cada membro familiar vive e passa por variadas situações, e cada um trava lutas diárias que podem ser internas ou externas. Cada história possui sua individualidade e subjetividade, com possibilidades, incertezas e crises. Segundo Jung, todos estamos sujeitos a errar, e não existem pessoas perfeitas, até porque seria uma verdadeira catástrofe a existência de pais – que se julguem – perfeitos. O importante é que se possa olhar para a sombra inconsciente que está além das luzes da consciência. “Não é importante que os pais nunca cometam erros, isso seria impossível para seres humanos, mas que os reconheçam como erros” (OC 17, § 155).

Em resumo, a comunicação da pessoa consigo mesma, a ampliação da consciência e a autoeducação por parte dos pais, cuidadores, educadores são movimentos importantes, essenciais para a busca de um sentido de vida íntegro para todos os envolvidos.

Incerteza e situações de crise

O homem sempre foi e parece que hoje é cada vez mais confrontado diariamente por incertezas, o que significa também, positivamente falando, dispor o tempo todo da possibilidade de se aventurar. Mais do que nunca, vivemos em um mundo de rápidas mudanças, sendo muitos os fatores incertos, arriscados e inseguros, e onde também cada situação está ligada à outra. Assim, tanto a humanidade como cada família estão sujeitas a vivenciar diariamente fatores de incerteza (Morin, 2000).

São muitas as questões conflituosas que nos fazem pensar que o mundo está em uma profunda crise, enfrentando movimentos de forças de vida e ao mesmo tempo de morte. No entendimento de Morin (2000), a

humanidade é conduzida para descobertas desconhecidas, uma realidade nada fácil, que muitas vezes torna necessária a capacidade humana de lidar de forma profunda e corajosa com os mais diferentes cenários.

Para Morin (2000), é importante a pessoa ser realista, num sentido amplo, trabalhando de forma ativa com a comunicação e a compreensão dessa atmosfera de incertezas, buscando olhar para longe e sabendo que há potencialidades invisíveis em nossa realidade, possíveis como também impossíveis de se realizar.

O princípio da incerteza provém da necessidade de alerta sobre o risco e de precaução. Para toda ação empreendida em meio incerto existe contradição entre o princípio do risco e o princípio da precaução, sendo um necessário ao outro. Trata-se de poder uni-los, a despeito da opinião que se possa ter a respeito. Segundo as palavras de Péricles, citadas por Tucídides: “Todos sabemos ao mesmo tempo demonstrar extrema audácia e nada empreender sem madura reflexão. Nos outros, a intrepidez da ignorância, enquanto a reflexão engendra a indecisão” (Apud Morin, 2000, p. 88).

Fróis (2004) fala de uma perspectiva de interpretação de mundo que acentua a necessidade de sustentar uma nova forma de ver e refletir sobre as coisas, na qual a incerteza, a instabilidade e a diferença possam ser vistas de uma maneira também nova. A autora lembra o deus mitológico Janus – deus das mudanças e transições –, que possui duas faces viradas em direções opostas, representando a incerteza do ser. Embora haja incertezas, o mundo está aí para ser desafiado e confrontado.

Vivemos em um mundo que nos exige estarmos prontos para o inesperado. Buscando a compreensão da incerteza que vivemos diariamente, o homem vivencia incertezas sobre um mundo em crise. Grande conquista da inteligência seria poder enfim se libertar da ilusão de prever o destino humano. O futuro permanece aberto e imprevisível (Morin, 2000, p. 79).

É necessário, pois, que saibamos nos entregar para a incerteza, abraçá-la, compreendê-la em suas possibilidades, como aponta Morin, porque assim é a realidade em que nos encontramos, que vivenciamos. Há acontecimentos que são indesejáveis, mas que necessitam de um tipo de compreensão que muitas vezes se parece com um caminhar sobre uma ponte que não nos leva a obter respostas do outro lado do rio, que não nos permite encontrar a desejada certeza. O desejo da humanidade de se libertar da incerteza não passa de algo que jamais será atingido. O melhor a fazer é se deliciar com as frustrações, pois o futuro é por natureza incerto (Morin, 2000).

Na verdade, a incerteza traz como resposta as consequências das escolhas que fazemos e das decisões tomadas. As estratégias podem ser ou parecer lógicas, mas tendem a se modificar no decorrer do caminho em função de imprevistos, informações, comunicações, mudanças de contexto ou outros inúmeros fatores que possam mudar o percurso da ação. Em consequência, as mentes buscam uma estratégia ilusória para reprimir a incerteza, mas sem resultado. Carece então de armar-se e lutar por um sentido de vida, enfrentando a incerteza que sempre irá estar presente (Morin, 2000).

Ao falarmos de crises de qualquer natureza, costumamos enviar primeiramente o recado sobre a incerteza de nossas escolhas e das direções que estamos prestes a tomar, para, secundariamente, expressar algo sobre a coragem necessária para aceitar essa condição e enfrentá-la (Bauman; Bordoni, 2016). Em muitos momentos são apresentados direcionamentos de como nos comportarmos e, de forma enganadora, como se nada estivesse acontecendo, fechamos os olhos para a realidade que nos assombra. Esta seria uma forma de coagir a si próprio, negando as verdades obscuras de qualquer certeza sobre o futuro e a própria subjetividade (Bauman; Bordoni, 2016).

Viver em estado constante de crise não é agradável, mas pode ter um lado positivo, pois mantém os sentidos vigilantes e alertas, e nos prepara psicologicamente para o pior. Nós temos de aprender a viver em crise, assim como estamos resignados a viver com tantas adversidades endêmicas a nós impostas pela evolução dos tempos: poluição, barulho, corrupção e, acima de tudo, medo. O sentimento mais velho do mundo, que nos acompanha ao longo de uma realidade marcada pela insegurança (Bauman; Bordoni, 2016, p. 15).

A crise tem uma dualidade, ou seja, uma complementaridade de opostos, isto é, um lado negativo e um lado positivo que se contrapõem e ao mesmo tempo conversam entre si. Essa realidade pode nos proporcionar uma comunicação e uma compreensão mais complexa e abrangente do que realmente podemos extrair significativo diante dos acontecimentos. Simplificando, podemos dizer que existem dois pólos para serem olhados, e também duas possibilidades: tristeza ou alegria, medo ou coragem, regressão ou evolução, silêncio ou barulho. É importante pensar em uma forma de se movimentar na presença de diferentes episódios (Bauman; Bordoni, 2016).

É interessante que saibamos conviver com um mundo com cenários em crise, e que procuremos compreender e lidar com as diversas situações que nos são propostas. Em muitos momentos, não há escolhas a serem feitas. É importante ampliar a consciência e nos habituarmos a conviver com a crise. Por um motivo muito forte, a crise sempre poderá aparecer de diferentes maneiras (Bauman; Bordoni, 2016).

Bauman e Bordoni (2016) falam sobre a crise econômica, com todos os seus impactos no ambiente familiar. Essa fase é caracterizada por falta de investimentos, diminuição da produção, aumento de desemprego. Uma relação que se associa a vários acontecimentos desfavoráveis ligados à economia.

“Como se pode ver, ‘crise’, em seu sentido próprio, expressa algo positivo, criativo e otimista, pois envolve mudança e pode ser um renascimento após uma ruptura” (Bauman; Bordoni, 2016, p. 11). A crise pode expressar algo bom ou ruim, pois pode tanto significar risco como mudança, retrocesso ou avanço. O importante é refletir sobre um movimento criativo, uma forma prospectiva de manejar a situação presente.

A comunicação sobre a crise gera oportunidades de debate e expressão de ideias e opiniões, em busca de um olhar de possibilidades maiores, para não apenas unilateralizar a crise num sentido ruim. Ela pode ser um fator que predispõe a transformações para novos futuros, novas visões e formas de tentar compreender e interligar as situações. Buscando uma forma acolhedora de abraçar os fatores vivenciados (Bauman; Bordoni, 2016).

Família, incerteza e crise

São múltiplos os fatores que podem interferir consideravelmente no relacionamento entre pais e filhos. Possuímos conhecimento dos fatos que ocorrem na consciência, mas desconhecemos os conteúdos inconscientes e a forma como esses conteúdos podem influenciar o desenvolvimento da personalidade infantil. São fatos, comportamentos e atitudes que podem colocar a família em uma posição de risco, afetando laços afetivos negativamente e desencadeando doenças, por negligência. Portanto, é importante que os cuidadores tenham um olhar atento sobre um papel tão importante, já que são responsáveis pelo desenvolvimento de seus pequenos (Antonioli, 2019).

A família é um ambiente favorável para um contágio psíquico, que de maneira ampla e profunda se refere à energia nele presente e atuante via comunicação inconsciente (Torres, 2022). Por este motivo, seria dispensável a tentativa de omitir algo considerado negativo dos filhos. Afinal, o que não é verbalizado é tão presente quanto aquilo que é falado, causando um impacto considerável na psique infantil. Os pais, ao buscarem a ampliação

da consciência, proporcionam a si mesmos uma elaboração dos conteúdos inconscientes. Assim, a criança poderá lidar com o contágio psíquico de assuntos coletivos familiares com o suporte materno e paterno, evitando uma experiência destrutiva em seu desenvolvimento.

Há fatores de risco que necessitam de proteção e que são cruciais já no período gestacional. Esses fatores continuam relevantes na primeira infância, e também são fundamentais para o fornecimento dos nutrientes afetivos indispensáveis ao saudável desenvolvimento psíquico, social e cultural da criança. Segundo Antonioli (2019), oitenta por cento da violência é transgeracional (ou seja, que passa de uma geração para outra), mas é possível interromper essa violência por meio do desenvolvimento de empatia na formação do indivíduo. Como precaução, faz-se necessário um suporte seguro, sensível, com superação e coragem, em que o indivíduo possa lidar com os problemas e passar pelos percalços.

A ciência tem comprovado a importância da educação e dos cuidados de qualidade durante os primeiros anos de uma criança para o seu desempenho escolar satisfatório e para uma vida adulta plena. O período que vai da gestação até o sexto ano de vida, e particularmente de zero a três anos incluindo o período gestacional, são os mais importantes na preparação dos alicerces das competências, habilidades emocionais e cognitivas futuras. É neste período que a criança aprende, com mais intensidade, a agir, a sentir, a se relacionar, e a desenvolver importantes valores a partir de suas relações na família, na escola e na comunidade (Antonioli, 2019).

Mesmo conscientes dos fatores importantes no processo de crescimento infantil, sabemos que a incerteza continua presente, exigindo de nós estarmos preparados e prontos para acontecimentos singulares, presentes em muitos momentos da vida (Morin, 2000). Nesse processo, os

pais vivenciam um mundo incerto e são chamados a refletir diretamente sobre a cultura, economia, ambiente familiar e escolar e todos os fatores que estão associados ao desenvolvimento de seus filhos.

É importante não fantasiarmos a realidade, pois as frustrações, incertezas, catástrofes e erros estão presentes, até mesmo onde não desejamos (Morin, 2000). Lidar com esses fatores é importante para que haja um movimento na direção correta. E, para que isso possa acontecer, é necessário vivenciar a crise.

A crise, mais uma vez, possui duas possibilidades, uma complementaridade de opostos, em outras palavras, o bem e o mal. Não é de forma alguma agradável estar em constante estado de crise, mas esse estado pode proporcionar algo numinoso, o movimento para novos cenários, novos acontecimentos e aprendizados (Bauman; Bordoni, 2016). A crise causa um estado de alerta, de certa maneira, querendo nos mostrar algo, podendo ser perguntado “para quê?”. No contexto familiar, isso se torna um assunto muito delicado, que pode abalar tanto os pais como seus filhos. Por isso, é importante pensarmos na importância dos cuidados psicológicos e na autoeducação do adulto, pois os seres humanos não passam ilesos e precisam aprender a viver diante de situações de crise.

Jung (2013) se refere à autoeducação do adulto como algo importante, para que os adultos possam evitar projetar nas crianças conteúdos que lhes pertencem e que não foram corrigidos em si mesmos. Em vista disso, é pertinente que os pais sejam sinceros consigo mesmos e também com os cuidados parentais, assumindo os próprios problemas interiores.

Santos e Menezes (2009) falam sobre “a aposta de Pascal”, abordando questões sobre a incerteza e o risco certo e finito de ganhar ou perder, com a possibilidade de desfrutar de um ganho infinito. É preciso, segundo esses autores, assumir a incerteza e a precariedade do saber como uma condição de fraqueza, mas também de busca de um movimento de força e oportunidade. Por que apostar é melhor do que não apostar? A resposta pode ser a aposta. Apostar é sempre melhor do que não apostar. Quem não aposta já perdeu.

Considerações finais

O objetivo deste texto foi mostrar a comunicação da incerteza no ambiente familiar em situações de crise, em especial o relacionamento entre pais e filhos e a comunicação inconsciente que ocorre nessa relação. Os temas conversam entre si, com uma comunicabilidade relevante.

Na atualidade, estamos constantemente preocupados com o tempo, com nossos afazeres, nossas famílias, economias e trabalhos. No meio de tudo isso, mães e pais também precisam lidar emocionalmente com seus filhos diante de muitos cenários, nos ambientes familiar, escolar, cultural e social. Os primeiros anos de vida da criança são um período extremamente importante, em que ela se encontra dependente de seus genitores, tanto fisicamente como psiquicamente. De forma muito profunda, o desenvolvimento infantil depende daqueles que guiam as crianças.

Como mencionado, a participação mística é uma comunicação que acontece por meio do inconsciente. Em outras palavras, pais e filhos possuem um diálogo inconsciente que não está sob o controle da consciência humana. É uma comunicação que não é unilateral, ou seja, não é transmitida apenas uma parte, mas sim o conteúdo como um todo, sem um filtro do que será passado aos filhos.

Vivemos sob a presença de incertezas que em consequência levam a crises. Não possuímos controle sobre acontecimentos que até certo ponto são naturais, no campo da interação e das emoções presentes no desenvolvimento humano. É necessário que pais, cuidadores e educadores ampliem a consciência como forma de elaborar os conteúdos do inconsciente, onde estão presentes as sombras reprimidas, em busca de um olhar que possa iluminar as dificuldades ocultas e promover a compreensão do sentido de vida presente em seu interior, com autenticidade e criatividade para lidar com as situações.

O estudo sobre a comunicação entre pais e filhos com a presença de incertezas e crises tem a intenção de provocar nos pais uma reflexão sobre o quanto é importante o papel parental no desenvolvimento da psique

dos filhos. Posto isso, o objetivo do artigo foi o de aprofundar até onde foi possível essa temática, enfatizando que é de grande valia a realização de novas pesquisas, por outros autores, para ampliar o tema e levar mais informação, comunicação e compreensão sobre um assunto tão importante.

Referências

ANTONIOLI, Luciana. **A influência da psique dos pais na psique dos filhos**. Instituto Junguiano de ensino e pesquisa. [19 mar. 2019] Disponível em: <https://blog.ijep.com.br/a-influencia-da-psique-dos-pais-na-psique-dos-filhos/>. Acesso em: 7 jun, 2024.

BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. **Estado de Crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

COURT, Clarisse Grand. **Pais e mães entristecidos, filho adoecido**: A dinâmica oculta na relação entre adultos e criança. Instituto Junguiano de ensino e pesquisa. [20 abr. 2023] Disponível em: <https://blog.ijep.com.br/pais-e-maes-entristecidos-filhos-adoecidos-a-dinamica-oculta-na-relacao-entre-adultos-e-criancas/>. Acesso em: 15 jun, 2024.

FRÓIS, Katja Plotz. **Uma breve história do fim das certezas** – ou o paradoxo de Janus. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas. PPOLIS, n. 63, [dez. 2004] Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1204/4445>. Acesso em: 22 jun, 2024.

GOMES, Daniel. **Influência da vida dos pais em seus filhos**. Instituto Junguiano de ensino e pesquisa. [30 nov. 2021] Disponível em: <https://blog.ijep.com.br/influencia-da-vida-dos-pais-em-seus-filhos/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Vozes, 2013. [OC 17]

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

TORRES, Leonardo. **Contágio psíquico e a atmosfera familiar**. Instituto Junguiano de ensino e pesquisa. [08 jul. 2022] Disponível em: <https://blog.ijep.com.br/contagio-psiquico-e-a-atmosfera-familiar/>. Acesso em: 7 jun. 2024.